

# Retaliação sul-africana não atingiu o ANC

Alves Gomes em Maputo

Expresso 28/5/83 pág. 11

COM o regime de Pretória a insistir que na passada segunda-feira a sua aviação atacou vários alvos do ANC da África do Sul na cidade da Matola, a 15 km de Maputo, continuam a persistir sérias dúvidas entre o corpo diplomático acreditado no Maputo sobre os verdadeiros objectivos desta segunda agressão contra a República Popular de Moçambique.

Entre a informação veiculada pelo Exército sul-africano e o cenário deixado pela sua aviação, em pelo menos três bairros da cidade da Matola, apenas existe em comum o facto de terem sido seis os locais atacados pela esquadilha de aviões Imapala MK III.

O comunicado sul-africano, emitido quando os seus aviões ainda não tinham aterrado em solo da África do Sul, referia que no ataque feito às 7 e 20 da manhã de segunda-feira, na Matola, tinham sido «atacados alvos do ANC». Até agora, porém, não foi possível detectar qualquer indicio da presença de elementos que justifiquem a afirmação do regime de Pretória.

No próprio dia do ataque, os sul-africanos revelaram que durante o seu raide aéreo tinham sido destruídos uma base de mísseis do Exército moçambicano, o quartel-general de logística do ANC, o centro de treino em armas do ANC, o posto de comando desta organização e o quartel-general para as suas acções no Transvaal.

## Os factos contradizem versão sul-africana

Na Matola, os factos são, no entanto, absolutamente opostos a este conjunto de importantes alvos. As duas crianças de seis e três anos de idade, que foram mortalmente atingidas, as duas operárias e o operário de uma fábrica de compostas e sumos (uma das mulheres no seu quinto mês de gravidez) que foram metralhados e um jovem sul-africano que lavava o seu carro quando foi atingido por inúmeros estilhaços — para além dos 40 feridos — não podem certamente ser os «terroristas» que o chefe do Exército da África do Sul, general Magnus Malan, diz

**DIPLOMATAS e jornalistas estrangeiros, bem como outros observadores, desmentiram em conjunto com as autoridades moçambicanas que no raid efectuado por aviões sul-africanos contra a Matola tenham sido atingidos objectivos do ANC e mortos alguns guerrilheiros desta organização. Recordando a precisão com que a África do Sul lançou outras operações militares contra países vizinhos, nomeadamente Moçambique, os analistas concluem que a retaliação pelo atentado ocorrido em Pretória não tinha por alvo o Congresso Nacional Africano. Entretanto, registou-se quinta-feira mais um atentado à bomba na África do Sul, desta vez, em Bloemfontein, cuja responsabilidade as autoridades atribuem ao ANC. A confirmar-se, tal pode significar um recrudescimento da actividade de guerrilha daquele movimento.**

terem sido mortos.

Depois de ter visitado os locais atingidos pelo ataque aéreo sul-africano, um embaixador do chamado «Grupo de Contacto» afirmou ao EXPRESSO: «Não existe na Matola qualquer vestígio de actividade militar hostil ao regime de Pretória.» E acrescentou, por outro lado, que a disparidade das afirmações sul-africanas só se podem dever à fraca informação que possuíam sobre os locais atacados ou a um plano de propaganda para consumo interno, elaborado pelos elementos mais radicais da comunidade branca da África do Sul.

Com efeito, em dois dos bairros onde a aviação de Pretória deixou várias residências destruídas, pudemos constatar que ali viveram, até Janeiro de 1981, algumas famílias de refugiados sul-africanos, mas nenhuma dessas casas foi alvejada — o que contrasta com a precisão do raide levado a cabo há dois anos, quando três residências de refugiados sul-africanos foram destruídas por um comando do Exército do regime do apartheid.

## «Medidas de retaliação»

Também o segundo comunicado sul-africano, emitido na terça-

-feira, quando várias agências internacionais já punham em causa as afirmações feitas no dia anterior, parece ser destituído de fundamento. Nele afirmava-se que 64 pessoas tinham morrido, sendo «na sua maioria do ANC e 17 soldados do Exército da Frelimo», e insistia-se na destruição da base de mísseis. Nenhum militar terá sido atingido.

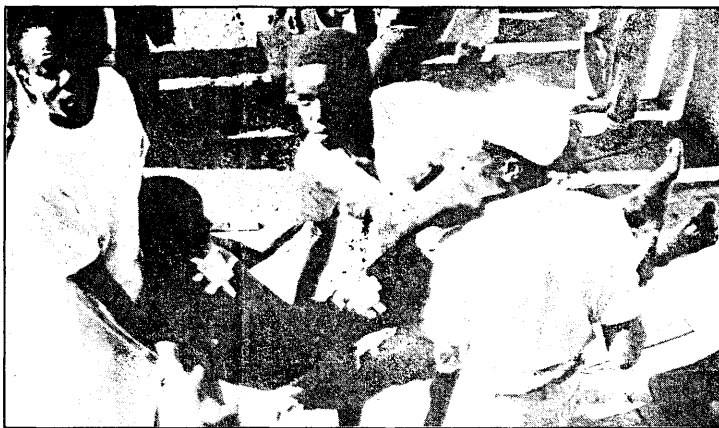
Tudo leva a acreditar que esta agressão do regime de Pretória contra a República Popular de Moçambique não tinha por objectivo atingir alvos que pudessem estar minimamente ligados ao ANC. A operação do ANC em Pretória levou o ministro da Polícia, Louisle Grange, a afirmar, na sexta-feira, que «Moçambique tinha de aceitar parte da responsabilidade

pela acção», indicando que o Exército iria «tomar medidas de retaliação».

O general Malan fez idênticas declarações e parece ter ficado profundamente afectado pela operação do ANC, ao verificar que ela se tinha realizado bem perto da sua residência em Pretória. Segundo nos afirmaram de Joanesburgo, o segundo carro armadilhado

(que não chegou a explodir) estava destinado ao próprio general.

Ainda na sexta-feira passada — e conforme nos disseram fontes diplomáticas no Maputo — o regime sul-africano indicou aos embaixadores ocidentais acreditados em Pretória que pensava que o grupo do ANC, executor desta operação, tinha passado por Moçambique. Ao mesmo tempo, os



Guaguaza Cau, operário moçambicano da fábrica «Somopal» é evacuado para o hospital

jornais mais ligados ao regime iniciaram uma campanha lembrando que Moçambique dava abrigo ao ANC e que a operação era idêntica a certas acções da OLP, «cuja actividade tem crescido substancialmente em Moçambique nos últimos meses».

Tal como o afirmaram as mensagens de condenação das várias potências ocidentais, «esta agressão injustificada é um mau precedente para a presente situação na África Austral». Segundo apurámos, o Departamento do Estado Americano teme que o raide a Matola possa vir a pôr em causa as suas tentativas para mediar a questão da Namíbia e os conflitos que opõem a África do Sul a Angola e a Moçambique.

## Encontros de Komatipoort

Embora as últimas conversações entre os governos de Moçambique e da África do Sul tenham sido classificadas por Pretória como muito úteis e frutuosas, é de acreditar que o próximo encontro não venha a ter lugar tão cedo, embora o ministro da Informação moçambicano tenha afirmado, segunda-feira, que o seu país continuava a não se opor ao princípio da sua realização.

Os chamados encontros de Komatipoort, vila fronteiriça entre a África do Sul e Moçambique, têm sido essencialmente dominados por dois pontos — o envolvimento do regime de Pretória nas operações dos «bandos armados» em Moçambique e a continuação da presença de membros do ANC no Maputo.

Nestes encontros, os moçambicanos têm argumentado que lhes é difícil exercer um controlo rigoroso sobre elementos do ANC que se infiltram em territórios vizinhos, garantindo, contudo, que não existem em Moçambique quaisquer bases deste movimento político da África do Sul.

Os diplomatas acreditados no Maputo aceitaram a explicação moçambicana, fazendo notar que este país não possui meios para exercer um controlo absoluto e que o tipo de operações levadas a cabo

pelo ANC dispensa bases militares. Eles afirmam que basta que diferentes pessoas, mesmo treinadas fora do continente africano, consigam penetrar na África do Sul, encontrando-se apenas para executarem a operação em questão.

## ANC: «Estamos em guerra»

Entretanto, em Londres, a representante da ANC em Inglaterra afirmava ao EXPRESSO:

«Moçambique não pode ceder à intimidação sul-africana, tal como traduzida nos recentes bombardeamentos aéreos da Matola, porque isso equivaleria à perda da independência.»

A representante escusou-se a confirmar ou desmentir que o governo do presidente Samora Machel tivesse deslocado membros activos do ANC para o Norte de Moçambique, mas frisou que todas as vítimas do recente bombardeamento eram civis e que a África do Sul estava «verfietamente» ciente de que na sua questão não se encontrava sul-africano, que não sejam refugiados. «Ademais — adiantou — a África do Sul também sabe que nós não operamos em território sul-africano a partir de Moçambique».

Afirmaria ainda que as bases da ANC localizam-se dentro da própria África do Sul e que o facto o governo sul-africano preferir exercer retaliação sobre Moçambique se deve a dois factores: primeiro, «o desejo de intimidar» e «o país para que se anseforme na fantoches, ao modo dos bantustões»; e ainda porque não quer admitir, face aos brancos, que o ANC tem «perfeita liberdade de movimentos dentro do território sul-africano».

A representante do movimento disse que lamentava as vítimas civis do recente atentado na África do Sul, mas que tal se tratava de algo «inevitável».

«Estamos em guerra — e em todas as guerras há vítimas; nós também estamos dispostos a dar a vida pelo nosso ideal» — acrescentou.